PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 95 MARÇO 1975 X ANO

NESTE NÚMERO

MENSAGEM OPORTUNA

Começa a obter ressonância, recolhendo os prós e contras, a Mensagem ao Brasileiros, elaborada e assinada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil em janeiro último. Através dela, os comunistas sugerem, como solução politica viável para liquidar o regime militar, a convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, a Abolição de todos os Atos e Leis de Exceção e a concessão de Anistia Geral. De modo concomitante e coerente, reafirmam a necessidade da criação de uma ampla e combativa frente de oposição para intensificar e levar até o fim a luta contra a ditadura.

Essas proposições tornaram-se mais prementes e imperativas. Após quase onze anos de nefasta tutela que exercem sôbre o pais os generais fascistas, passou a ser reclamo generalizado a instituição de um regime genui-

namente democrático; converteu-se numa exigência de salvação nacional a derrubada do sistema instaurado a 1º de abril de 1964. Em contraste, os militares não se mostram dispostos a abandonar suas posições e privilégios nem a alterar num mínimo que seja a politica antinacional e antipopular. O ditador de plantão, Ernesto Geisel, recebeu de seus comparsas a incumbência de aperfeiçoar e consolidar o que aí está, não escondendo estas intenções. Apesar do óbvio, certos setores oportunistas alimentam ilusões acerca de supostos desígnios liberalisantes dos atuais mandatários do Planalto e da possibilidade de modificações de sua politica em favor do povo. Os comunistas, porém, ainda mais se convenceram de que qualquer contemporização com a situação vigente constitui crime de lesa-pátria.

Desde seu lançamento, a Mensagem aos Brasileiros vem encontrando acolhida favorável, em especial das correntes populares. Contudo, certos círculos políticos relutam aceitar sua autenticidade ou a considerarem contrária à distensão, portanto inoportuna.

Como temos denunciado incessantemente, o Brasil vive num clima de terror implantado pelos militares, os quais vêm usando e aprimorando várias técnicas de provocação e intimidação. Nessas circunstâncias, é natural que haja dúvidas a respeito da autoria da Mensagem. Com maior razão entende-se que seu reconhecimento público e um debate aberto sôbre seu mérito são impossíveis agora.

Aproveitamos essas dúvidas para declarar que a Mensagem aos Brasileiros é subscrita por um partido real, o mais antigo do pais. Exatamente neste mês de março, faz 53 anos que realisou seu Congresso de fundação. Tanto pelos princípios que o norteiam, pelo programa que preconisa, como pelas lutas e pelos sacrifícios que tem feito, inclusive de vidas, por toda a sua trajetória, o Partido Comunista do Brasil transformou-se na mais nacional e popular das organizações políticas brasileiras. As monstruosas perseguições de que tem sido alvo não conseguiram impedir sua atuação, muito menos suprimí-lo. Jamais ocultou seus fins. Criou raízes profundas entre as massas. Nada mais concludente sobre a autenticidade do P.C. do Brasil do que o fato de conservar-se fiel à doutrina marxista-leninista do proletariado revolucionário, que o fez repudiar o revisionismo contemporâneo e o oportunismo de Prestes, combater o social-imperialismo soviético e procurar agir de acordo com a realidade brasileira, empregando não uma tática reformista mas revolucionária.

Também é inaceitável a crítica de que a Mensagem aos Brasileiros é contrária à distensão. Esta é um dos artifícios a que recorrem os generais para tentar isolar as forças de esquerda e levar à vacilação os setores politicos centristas, conciliadores. Geisel e sua camarilha procuram neutralizar e ganhar esses setores a fim de executar suas manobras de envolvimento. Querem calar os elementos mais combativos da oposição burguesa, legal.

Cabe indagar: de que distensão se trata? No caso presente, a distensão tem por objetivo marginalisar as correntes populares, manter o povo privado dos direitos mais elementares. Quando Geisel e seu ministro da Justiça declaram que as forças da esquerda precisam ser definitivamente banidas do cenário político nacional, que "o comunismo não tem vez", expressam com bastante clareza que a distensão, o chamado aperfeiçoamento paulatino da "democracia", não passa de um arranjo entre os setores mais reacionários contra a classe operária, os camponeses, as massas trabalhadoras, que compoem 90% ou mais da população. Marginalizar as grandes massas e seus elementos mais avançados é um velho projeto das forças retrógradas, desde a Independencia. Apenas nos anos anteriores ao golpe de abril de 1964 foi que as classes dominantes concederam, mesmo assim mais nominalmente que de fato, algum lugarzinho para as forças populares, excluindo as de esquerda. Por isso, os regimes politicos adotados têm sido inviáveis e não conseguem evitar as crises de governo que se sucedem. Nos tempos atuais, é impossivel ordenar instituições politicas e juridicas capazes de impulsionar o progresso econômico e social sem a participação ativa e destacada das massas populares e da vanguarda do proletariado, os comunistas. E de forma alguma contra êles.

A Mensagem aos Brasileiros demonstra irrefutavelmente que a política de Geisel de ampliar sua base de apoio e consolidar o regime fascista a custa do sacrifício dos operários, dos camponeses e demais camadas progressistas está destinada ao malogro. Uma política de defesa dos interesses nacionais e populares não se coaduna nem admite conciliação com a dos generais no Poder, antes, opõe-se a ela. A proposta da convocação de uma Assembléia Constituinte com real poder, da Abolição dos atos e leis de exceção e da Anistia Geral exprime os verdadeiros anseios da imensa maioria da nação. Tanto que continuam a avolumar-se os pronunciamentos favoráveis à completa reformulação constitucional, a extinção do AI-5, do 477 e da censura, ao respeito pelos direitos do homem, contra as torturas e assassinatos de presos politicos. O jornal <u>O Estado de São Paulo</u>, partidário do com

promisso com Geisel e avalista de suas boas intenções, admite que "há um concerto de vozes em favor do Estado de Direito e da legalidade democrática". Nesse diapasão, o general Rodrigo Otávio Jordão, ministro do Superior Tribunal Militar, em recente discurso naquela Corte, para defender seus julgamentos ditos independentes e eximir-se da responsabilidade pelo que vem acontecendo aos patriotas encarcerados, reconheceu que o país se encontra entregue à ilegalidade e ao arbítrio. Em tom diferente, aproveitando a presença do ministro da Educação na aula inaugural do ano letivo da PUC de São Paulo, os estudantes reclamaram a liquidação do famigerado 477. Também ganhou intensidade a campanha em defesa dos direitos humanos, em consequência principalmente do inexplicavel "desaparecimento" de mais de duas dezenas de presos politicos. Como um dos meios de pôr fim a esses crimes, uma Anistia Geral foi solicitada, aberta e enfaticamente, por personalidades tão importantes como Tristão de Ataide, instituições como a CNBB, deputados e senadores. O parlamentar emedebista Florim Coutinho apresentou um projeto de lei nesse sentido.

Tão explicitas manifestações da vontade da nação se chocam entretanto com a politica liberticida, vende-pátria e continuista dos generais. Justamente por isso, em sua Mensagem, os comunistas argúem que, sob a égide dos militares, o povo brasileiro nunca terá eleições livres, não poderá elaborar uma Constituição em correspondência com seus legítimos interesses e aspirações nem salvaguardar a soberania nacional. Para comprovar que o atual impasse politico deriva da conduta fascista do governo dos generais, haja vista o episódio relacionado com o pedido de comparecimento do ministro da Justiça à Câmara dos Deputados a fim de dar maiores explicações sôbre os presos politicos "desaparecidos". Bastou que parlamentares quisesem utilizar sua apregoada prerrogativa constitucional para que Geisel considerasse o pedido uma provocação e acusasse seus autores de fazerem o jogo dos comunistas. Os porta-vozes do governo, notadamente seu lider na Câmara, o conhecido reacionário José Bonifácio, sairam a campo para ameaçar o MDB e dizer que as Forças Armadas, por suas hierarquias, oficiais e paralelas, jamais iriam à barra de tribunais para serem julgadas. Isto dá mais uma perfeita idéia da fragilidade do regime atual, do quanto está atolado na imundície e no crime, do temor pânico que manifesta ante a possibilidade de que a legalidade democrática prevaleça. A alternativa que resta ao povo é de pôr abaixo sem falta a ditadura; o quanto antes, melhor.

Por tudo isso, concluímos que a Mensagem aos Brasileiros é de inequivoca oportunidade. As forças populares, nas quais se incluem legitima-

mente os comunistas, têm não só o direito mas principalmente o dever de opinar e contribuir para o processo político em curso, apresentando as propostas e reinvindicações que consultem os interesses das massas do país. Sabem que para conquistá-las terão de superar enormes dificuldades, de se empenhar em vigorosa campanha de esclarecimento e mobilização de variadas e numerosas correntes antiditatoriais. Desde que consigam unir as forças de oposição e persistam em sua atividade para levantar e organizar as massas, julgamos que existem todas as condições para vencer a resistência dos militares no Poder, derrubá-los e atingir o nobre desiderato contido na Mensagem aos Brasileiros.

A causa da emancipação da mulher

Transcorre a 8 de março o Dia Internacional da Mulher. Instituido nos princípios deste século, por iniciatica do movimento operário e socialista e em obediência ao ensinamento de Marx e Engels de que o verdadeiro progresso social só pode ser medido pelo grau de emancipação da mulher, esse dia tem significado programático. Guarda fidelidade às idéias dos grandes mestres do proletariado. Todas as forças progressistas, todas as pessoas conscientes, em particular os comunistas, sabem que, enquanto persistirem os restos feudais em cada país, as formas atrasadas de propriedade e de usufruto da terra, os preconceitos e costumes medievais e enquanto perdurar o capitalismo com sua exploração e opressão, é indispensável desenvolver a luta pela igualdade de direitos entre os sexos, pela democracia e pela instauração do socialismo e do comunismo.

Desde aquela época, essa luta vem obtendo êxitos inegáveis. Em 1917, a Revolução de Outubro, segundo Lênin, fêz mais, em algumas semanas, para limpar a sociedade dos restos feudais do que as revoluções burguesas, a contar de 1949, quando ocorreu a primeira na Inglaterra. "Na Russia - disse êle em 1921 - não existe coisa tão baixa, tão infame e tão canalhesca como a falta de direitos ou a desigualdade juridica da mulher, vestígio indigno da servidão e do medievalismo, que a burguesia egoista e a pequena burguesia torpe e assustada restabelecem em todos os países do mundo". Executando o mandato de Lênin, o povo soviético, sob a direção de Stalin, alcançou extraordinárias conquistas também no terreno da libertação da mulher e deu enorme contribuição ao movimento emancipador feminino em escala mun-

dial. Inspirados na Revolução de Outubro, vários povos enveredaram pelo caminho de sua libertação nacional e social. Na gloriosa Albânia e na grande China Popular, por exemplo, onde foi abolida a exploração do homem pelo homem e se constroi o socialismo, intensifica-se a participação da mulher, em igualdade cada dia mais completa com o homem, em todas as atividades da produção e da cultura, da administração e mesmo da defesa militar. As tarefas domésticas, sempre extenuantes e embrutecedoras, estão sendo substituídas pelos serviços públicos coletivos - restaurantes, creches, etc. Desenvolvem-se enérgicas campanhas contra os preconceitos feudais e capitalistas à respeito de uma pretensa inferioridade da mulher. Enquanto isto, na União Soviética e em seus satélites, com o advento do revisionismo contemporâneo, com a ascensão ao Poder da nova burguesia burocrática, monopolista, as mulheres começam a perder suas conquistas, voltam à situação anterior à revolução, caem em número crescente na prostituição e na degenerescência da vida burguesa.

Não obstante, esse recuo é temporário. A luta pela emancipação da mulher ganha terreno em toda parte, adquire dia a dia maior amplitude. A própria ONU declarou 1975 o Ano Internacional da Mulher. É um sinal dos tempos. Claro está que o problema não pode resumir-se a um dia ou a um ano de comemoraçoes simbólicas, com atos e discursos formais. Exige novos esforços das correntes progressistas, medidas concretas, verdadeiras transformações revolucionárias. Reclama a edificação de uma sociedade em que seja estabelecida de fato a igualdade da mulher nos planos econômico, politico, cultural e social, isto é, o socialismo.

Ao dizer isto, temos em vista o nosso país, onde ainda predominam com tanta evidência as sobrevivências patriarcais e feudais, que chegam a influir até nas cidades, embora nestas as relações de trabalho se façam fundamentalmente em bases capitalistas. O contingente feminino, composto fundamentalmente de donas-de-casa, de operárias e camponesas, ultrapassa 50% da população total. E se acha de tal forma marginalizado, explorado e oprimido que sua situação se assemelha em muitos casos à da servidão. Mesmo as mulheres burguesas convertidas em objetos de luxo, são consideradas inferiores. A pequena minoria de mulheres que se julgam emencipadas economicamente sofrem restrições de caráter politico, juridico e social. As alfabetizadas já podem votar mas pouquissimas são as que têm facilitadas condições de eleger-se, inclusive para as direções de sindicatos e associações populares. A mulher trabalhadora executa, em geral, trabalho igual ao do homem, porém recebe salário menor, conquanto se propale falsamente que pos-

suímos uma das legislações trabalhistas mais adiantadas do mundo. A negativa das classes dirigentes em reconhecer alguns direitos à mulher é extremamente vexatória para os democratas e patriotas. Tenha-se em conta que a discussão sobre o divórcio só agora está em curso, ainda assim revestida de laivos diversionistas e demagógicos. O projeto do senador Nelson de Carneiro é tão tímido e inócuo que raia pelo ridículo.

Estamos longe de apresentar o complexo quadro das condições reais de vida das mulheres brasileiras, de seus sofrimentos, de suas amarguras. É preciso salientar, todavia, que elas jamais se conformaram com tal estado de coisas. Nós, os comunistas, que desde os primeiros momentos de existência do Partido, formulamos as reivindicações e defendemos os direitos da mulher, constatamos com alegria a crescente participação das massas femininas nas lutas não só pela solução de seus problemas específicos mas dos que dizem respeito a toda nação. Graças ao desenvolvimento da consciência democrática, anti-imperialista e socialista no Brasil, aumenta o número de mulheres que tomam parte no movimento por seus direitos, contra o imperialismo norte-americano e a ditadura militar. Aliás, uma das características mais animadoras deste período de resistência ao despotismo dos generais fascistas é a militança destemerosa das mulheres em favor da democracia e da independência nacional, tanto em quantidade como em qualidade. Elas dão provas de extrema coragem e de audácia, sobretudo as jovens. Ressalte-se o exemplo daquelas que, no Araguaia, fazem imensos sacrifícios para sustentar a bandeira da luta pela liberdade e pelos direitos da gente simples do interior e de todo o povo brasileiro. Elenira Resende, Maria Lucia Peti, Maria Lucia da Silva (Sônia) e outras deram heroicamente suas vidas pela vitória da causa popular. Destacamos também aquele pugilo de mulheres combatentes que ingressaram nas gloriosas fileiras do partido do proletariado, marxista-leninista, o Partido Comunista do Brasil. Lembramos as figuras de mártires como Angelina Gonçalves e Zélia Magalhães, de todas as magníficas militantes comunistas que ontem como hoje não trepidam em oferecer tudo que têm de melhor para emancipar definitivamente os explorados e oprimidos.

Um radiante futuro espera a mulher em nosso país e no mundo. Seu destino, porém, está ligado ao de toda a sociedade. Ainda terá, sem dúvida, de enfrentar duros e ásperos combates por sua emancipação. Mas a vitória coroará seus esforços. A reação feudal e capitalista será completamente varrida.

Derrota norte-americana no Camboja

Os agressores norte-americanos e seus lacaios de Camboja estão em apuros. As tropas títeres que defendem o que resta do território em poder de Lon Nol são batidas em todas as frentes, espalha-se o pânico, faltam alimentos, os traidores arrumam as malas ante a perspectiva da queda da capital. Enquanto isso, Gerald Ford empenha-se nervosamente junto ao Congresso dos Estados Unidos para conseguir verbas suplementares a fim de sustentar o cambaleante regime de Phom Penh.

A guerra no Camboja desmascara, uma vez mais, a natureza agressiva e banditesca do imperialismo norte-americano. Tentando esmagar a ferro e fogo os anseios de libertação do povo vietnamita, os monopolistas ianques não vacilaram em intervir naquele pequeno reino, através de um golpe militar tramado e financiado pela CIA. Derrubaram o governo neutralista de Norodon Sihanuk e lançaram o país numa perigosa aventura. Atrelado ao carro da agressão estadunidense, o Camboja passou a viver mendigando dólares e em função da guerra, num ambiente de desbragada corrupção. Os homens do Pentágono assumiram a tarefa de preparar soldados - a carne de canhão - recrutando inclusive crianças. Ocuparam-se da direção dos órgãos repressivos voltados contra os patriotas e partidários da neutralidade. Esperavam, assim, contribuir para quebrar a resistência do Vietnã do Sul e no Laos e se assenhorear de importantes regiões do Sudeste Asiático.

Mas o valente povo cambojano não se submeteu. Levantou bem alto a bandeira da independência nacional e da democracia popular, uniu-se e, apesar das ingentes dificuldades, ousou enfrentar seus piores inimigos. Esbeleceu, de início, pequenos núcleos guerrilheiros que, mais tarde, se transformaram no exército de libertação. Assestando repetidos golpes nas forças de Lon Nol, nos imperialistas ianques e em seus aliados de Saigon, esse exército ampliou seu poderio, conquistou aldeia após aldeia até dominar 4/5 do território pátrio. Hoje, nas áreas libertadas encontra-se a maioria da população. A capital do país foi cercada. O governo fantoche entrou em crise e agoniza.

Os Estados Unidos, entretanto, não querem aceitar a derrota. Reconheceu abertamente que sem o seu apoio, urgente e substancial, a queda de Lon Nol é questão de semanas. Este já nada representa, depende em tudo da ajuda de fora. Configura-se o caso típico de uma guerra realizada por uma potência imperialista, em terra alheia, utilizando mercenários. Ford pede

reforços ao Congresso para aguentar - diz ele - umas semanas mais seu lacaio no Poder até que chegue a época das chuvas. Depois tentaria barganhar um acordo. Não há duvida, porém, que a esta altura dos acontecimentos parece ser muito dificil impedir a debacle completa. Lon Nol é também um caso típico de traição nacional.

A aventura dos marechais e generais cambojanos a serviço de Washington, custou demasiado caro à pequena nação asiática. Muitas cidades e aldeias do Camboja foram destruídas, seu patrimônio cultural destroçado, sua economia arrasada. 10% de seus habitantes perderam a vida e milhares de outros transformaram-se em mutilados. A fome e a orfandade atingiram amplos setores. Todo este sofrimento, pergunta-se, por que? Simplesmente porque os Estados Unidos tinham interesse em dominar a Indochina e quizeram fazer do Camboja uma praça de armas de sua agressão.

Os imperialistas ianques são inimigos jurados da Humanidade. Sua politica rapace não se detém ante nenhum princípio moral quando se trata de conquistar posições que lhes assegurem vantagens para espoliar os povos. E encontram elementos a quem corromper, convertendo-se em cúmplices de seus nefandos crimes. Não é por acaso que Ford, no desespero da derrota, proclama que se os Estados Unidos não forem em socorro de Lon Nol isto poderá repercutir negativamente sobre os que lhes prestam serviços em todo o mundo. Atualmente, não há ditadura, e sobretudo ditadura militar, em distintos pontos da Terra, por trás das quais não se ache o imperialismo norte-americano. Ele comanda a violência contra os povos, estimula os métodos de terror fascista, organiza a matança dos patriotas tendo em vista assegurar sua dominação, explorar os trabalhadores e saquear as riquezas naturais.

O povo brasileiro, que vive sob o regime fascista instaurado e sustentado com a ajuda dos espoliadores ianques, enche-se de entusiasmo pelas magnificas vitórias das forças populares do Camboja cujo caminho serve de exemplo aos que almejam a libertação de sua Pátria do domínio dos traidores e reacionários e do jugo estrangeiro. Solidariza-se com sua luta e ergue veemente protesto contra o prosseguimento da guerra norte-americana no Camboja. Os Estados Unidos não podem continuar massacrando selvagemente a população cambojana , homens e mulheres que defendem com abnegação e heroismo sua liberdade e a independência nacional.

Fora do Camboja, do Laos e do Vietnã os imperialistas ianques !

Liberdade para os presos políticos

Do cárcere, onde se encontra, José Duarte ergueu sua voz para reafirmar plena confiança na invencível doutrina do proletariado e para manifestar convicção inabalável da vitória da causa do povo. Sua breve mensagem é um exemplo de combatividade e desprendimento digno de um autêntico revolucionário.

Desde outubro de 1972, ele acha-se encarcerado pela ditadura militar-fascista. Sofreu bárbaras torturas e constantes ameaças de morte. Esteve incomunicável por um longo período. Nunca, porém, os carrascos conseguiram quebrar seu elevado moral. Soube portar-se sempre com dignidade. "Não sou um criminoso - dizia - mas um homem que luta pelos interesses dos trabalhadores e do povo". Em seus cinquenta anos de atuação nas fileiras proletárias deu dezenas de interrogatórios policiais. No período do Estado Novo foi condenado a 88 anos de prisão, obtendo liberdade graças ao poderoso movimento em prol da anistia, realizado em 1945. Em mãos dos verdugos jamais pensou em defender a pele à custa da sua honra de combatente de vanguarda. Esse título é o seu maior tesouro, o verdadeiro sentido de sua vida. Conservou-o imaculado através do tempo e das vicissitudes da luta.

Em favor de José Duarte e demais presos politicos do Brasil têm-se levantado uma campanha exigindo melhoria de situação carcerária e sua libertação. Instituições presti

de José Duarte

"Transcorridos 50 anos desde minha adesão e luta pelas invencíveis idéias dos grandes gênios da humanidade, C. Marx, Engels, Lênin e Stálin, que triunfam, enquanto que a de seus opositores fracassam e se debatem nos estertores de uma profunda crise da qual não conseguem sair, manifesto o reconhecimento de profunda gratidão ao povo brasileiro, e de modo particular à classe operária, pela solidariedade, carinho e simpatia proporcionados aos lutadores que se batem pelo progresso e soberania da Pátria e pelo bem da humanidade.

Envio, também, calorosas saudações de respeito e profunda gratidão aos povos de todo o mundo que, lutando por sua liberdade e independencia, prestam valiosa solidariedade, despertam a confiança e estimulam o ânimo dos patriotas brasileiros contra a opressão.

Glória eterna aos que cairam!
Longa vida aos que continuam a luta pela liberdade e contra a exploração do homem pelo homem!
A liberdade vencerá!
Os opressores sucumbirão!
Viva o internacionalismo proletário!
Viva o marxismo-leninismo!
Viva o Brasil!

Outubro de 1974.
JOSE DUARTE.

giosas, no exterior, como a Anistia Internacional, a Federação Internacional dos Direitos do Homem, o Conselho Internacional de Juristas Católicos, o Tribunal Bertrand Russel, a Associação dos Juristas Democratas de Liége (Bélgica), organizações populares da Argentina e da Republica Dominicana fizeram pronunciamentos valiosos reclamando a liberdade de José Duarte e dirigiram mensagens ao governo nesse sentido. No Brasil, muitas cartas têm sido enviadas ao coronel Emanuel de Araújo, diretor do Instituto Penal Paulo Sarazare, de Fortaleza, onde está recolhido o velho ferroviário, protestando contra os maus tratos e pedindo que sejam asseguradas melhores condições de existência aos presos políticos. Em várias cidades lê-se nos muros a inscrição LIBERDADE PARA JOSE DUARTE. O movimento por Anistia e pela libertação dos sentenciados, assim como dos reclusos sem julgamento, vai ganhando força em todo o pais.

A luta em defesa dos detidos políticos é parte importante do combate à ditadura militar-fascista. Centenas de brasileiros estão condenados a longos anos de prisão e submetidos a um regime carcerário desumano. Muitos outros permanecem, sem julgamento, nas masmorras da polícia. Além da perda da liberdade sofrem toda sorte de provocações e péssimo tratamento. Desenvolver a solidariedade aos presos é tarefa fundamental dos patriotas e democratas.

Lengalenga fascista

Posando de democrata e de interessado numa descompressão politica, Geisel enviou mensagem ao Congresso na qual faz um balanço do estado econômico-financeiro do pais, explica fracassos de seus antecessores e traça as linhas gerais do rumo que pretende seguir. Sua apreciação, incorreta e fraudulenta em todos os sentidos, aparta-se da realidade e tenta camuflar os intentos de institucionalização do fascismo. Num ponto, porém, não pôde fugir à evidência. Foi obrigado a reconhecer a existência de guerrilhas no Araguaia.

No velho e surrado estilo de propaganda militar-fascista, Geisel tece loas a pretensos êxitos alcançados na economia e nas finanças. Mas logo em seguida confessa que aí surgiram sérias dificuldades por ele atribuídas à conjuntura internacional. Como não vê qualquer saída, limita-se a dizer, no jargão de quartel, que "a situação encontra-se sob controle".

Mais adiante afirma que se verificou uma defasagem entre o de-

senvolvimento econômico e os setores político e social. Aquele teria avança-do, estes se atrasado. Ele estaria disposto a corrigir a anomalia. Isto, no entanto, é simples jogo de palavras. Não houve avanço num aspecto e retraimento em outros, uma vez que a orientação política do governo e a coerção no campo social são inseparáveis do chamado desenvolvimento econômico. Voltado contra os reais interesses da nação, esse desenvolvimento serve unicamente ao capital estrangeiro e a um punhado de grandes capitalistas nacionais, permitindo-lhes usufruir lucros fabulosos. Realiza-se à base da exploração feroz dos trabalhadores, do empobrecimento continuado das massas populares, do saqueio das riquezas do país. Por isso, tem como acompanhante natural a violência no terreno político, a ausência de liberdades democráticas, a censura à imprensa, as prisões, torturas e assassinatos de patriotas. E sua consequência é o crescimento da miséria, do número de menores abandonados, da prostituição, das favelas, dos índices de criminalidade

Ocorre que os generais se isolaram perigosamente e, na atualidade manobram para ver se conseguem ampliar a base de sustentação da ditadura. Por essa razão, em sua mensagem, Geisel fala em diálogo respeitoso, valorização de debates construtivos, convivência com a oposição e intenções de ativar a frente politica. Mas seus propósitos ficam bem claros quando faz apelos à imaginação criativa dos políticos. Pretende que estes encontrem "meios de instituir remédios prontos e eficientes, dentro do contexto constitucional, para a manutenção da atmosfera de segurança e ordem, da qual depende o desenvolvimento econômico-social do país". Em outras palavras: quer que os políticos contribuam para a institucionalização do regime militar de cunho fascista.

A gradual "abertura" alardeada na mensagem de Geisel é uma farsa. Mal indicara que daria prioridade ao avanço do setor político, ele desmascarava-se investindo ostensivamente contra a iniciativa do MDB de convocar o ministro da Justiça para informar à Câmara Federal sobre o destino de pessoas desaparecidas, após terem sido presas. Que prioridade mais estranha! Simultâneamente, a Procuradoria da República, manipulada por militares, levava ao Supremo Tribunal Federal outra denúncia envolvendo o antigo deputado Francisco Pinto condenado a seis meses de prisão e a perda do mandato. Violentando o preceito inscrito em todos os códigos penais de que ninguém responde duas vezes pelo mesmo crime, os órgãos oficiais acusaram novamente o combativo líder oposicionista de haver criticado o sanguinário ditador do Chile, suposto delito pelo qual já fora julgado. Os generais fascistas não ficaram satisfeitos com a pena mínima que lhe foi imposta, querem aumentá-la e, ao mesmo tempo, servir'se desse fato para amedrontar e ameaçar os

parlamentares em exercício que se opõem à ditadura.

Com o objetivo de aparentar certa estabilidade do regime, Geisel, na mensagem, proclama que em matéria de segurança o governo passou da ação repressiva à preventiva, elogiando, de passagem, "militares e civis" - os torturadores e assassinos - empenhados naquela sinistra tarefa. Os fatos, porém, desmentem o substituto de Médici. Durante seu governo, prosseguiram ininterruptamente as prisões ilegais, a tortura e o assassinato de patriotas. Somente nos primeiros meses de 1975, cerca de duzentos brasileiros, no Rio e em São Paulo, foram arbitrariamente detidos e selvagemente seviciados, mais de uma dezena se encontra desaparecida, vários perderam a vida nas masmorras policiais. No interior, multiplicam-se as "batidas", algumas de vulto, em procura de "subversivos", inúmeras pessoas têm sido presas ou interrogadas por agentes federais. Aliás, em sua mensagem Geisel assinala que a reação exerce "atenta vigilância nas áreas rurais onde tenham sido localizados elementos estranhos e suspeitos".

O ditador esforça-se por fazer crer que o povo se submeteu. No entanto, foi obrigado a falar da luta guerrilheira no sul do Pará. É a primeira vez que um governante a ela se refere. A tática do silêncio malogrou, já não era possível mantê-la indefinidamente. A nação, pouco a pouco, tomava conhecimento desse relevante feito popular e patriótico. Ao anunciar as guerrilhas no Norte, Geisel tenta minimizá-la, caracterizando os guerrilheiros como um núcleo de fanáticos, inimigos do regime. Sem o desejar, presta assim homenagem aos bravos combatentes do Araguaia. Porque fanático, na linguagem dos militares reacionários, significa lutador indômito, gente que não se entrega, que peleja até as últimas. E é certo que deste modo só procedem os que defendem uma causa justa. Todavia, a resistência do sul do Pará ultrapassou as previsões das Forças Armadas que pensavam liquidá-la prontamente. Desenvolve-se há quase três anos, desde 12 de abril de 1972. Contra ela o Exército realizou várias operações de grande porte, empregando ao todo mais de 20 mil homens, mobilizando tropas especializadas, utilisando armamento moderno. Teve que construir quartéis a toque-de-caixa e estabelecer um clima de violências generalizadas que atingiu a população de vasta área. Ainda hoje mantém na zona numerosos efetivos. Por mais que Geisel procure esconder a verdade, esta acabará impondo-se. Já agora a declaração oficial da existência da guerrilha converteu-se num fato político da maior importância. Amplos setores dela se inteiraram. No Senado, Luis Viana Filho, serviçal dos generais, afirmou que a guerrilha, atualmente, define posições. "Na mensagem do presidente Geisel ao Congresso - disse - ele fez referência expressa aos guerrilheiros de Xambioá, Marabá e outros.

E é isto o que o país quer saber: quais os elementos que apóiam ou não es ses movimentos". O senador da ARENA terá a resposta. O certo é que a mai ria esmagadora da nação se opõe decididamente à ditadura, reclama direitos democráticos e tem em elevada conta aqueles que, com o sacrifício da pró pria vida, se levantam em prol da liberdade e dos verdadeiros interesses n cionais. Torna-se cada vez mais insignificante, isto sim, o número dos qu se enfileiram com os militares retrógrados. Dia a dia, o povo brasileiro dentifica-se com a luta do Araguaia, descobre nela o autêntico caminho d sua libertação.

Geisel, com sua lengalenga fascista, não conseguirá enganar a grandes massas do país nem confundir seus opositores. A política entregui ta e fascistizante que realiza está condenada ao completo fracasso.

"O primeiro passo no terreno da unidade é a ação conjugada de todas as forças democráticas e patrióticas por objetivos comuns. Atuando no mesmo sentido, coordenadamente, estas forças multiplicarão suas energias e possibilitarão a formação de um poderoso e unitário movimento em favor da liberdade e contra a ditadura. Se a maioria dos brasileiros se unir e lutar decididamente de variadas formas nas fabricas e sindicatos, nas escolas e centros acadêmicos, nas fazendas e vilas, nas cidades e no campo, no parlamento, no púlpito, no teatro, nos cárceres, nos quartéis, nas ruas, nas selvas do Araguaia e onde seja possível, a sorte do regime militar-fascista estará definitivamente selada. Isolados e acuados pelas massas, os generais não poderão sustentar-se no Poder. Serão derrubados e com eles os que lhes prestam apoio e a eles se junatam para defender a ordem injusta imposta pelas Forças Armadas. Abrir-se-á o caminho à instauração de um novo sistema, baseado na liberdade e voltado para o progresso social".

Da MENSAGEM AOS BRASILEIROS, do CC do PC do BRASIL

«Não arriaremos nossa bandeira»

(Carta remetida a destacada personalidade do sul de Pará pelos moradores de um sítio às margens do rio Araguaia, nas primeiras semanas de luta guerrilheira naquela região. Seu conteúdo permite aquilatar os motivos e propósitos que animam os que empunharam armas para resistir ao ataque das forças da ditadura).

Ilustríssimo senhor

Por considerá-lo uma personalidade independente que não se atemoriza diante da força bruta, nem se deixa abalar por pressões políticas, e um homem de bem, atrevêmo-nos a escrever-lhe a fim de que V.S. avalie, com isenção de ânimo, os motivos da luta em que estamos envolvidos. Com esta carta não objetivamos pedir-lhe apoio e, muito menos, fazer proselitismo. Mas esperamos compreensão e justiça em relação à nossa resistência aos desmandos e arbitrariedades de um regime autoritário, imposto pela violência à Nação pelo golpe militar de abril de 1964. Passemos, pois, aos fatos para que se configure o quadro verdadeiro da situação.

Como é sabido, no curso do mês de abril deste ano, contingentes do Exército, apoiados pela Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar do Pará, numa aparatosa operação de guerra, atacaram, inesperada e brutalmente, inúmeros moradores do Araguaia, que se localizavam em áreas compreendidas entre São Domingos das Latas e São Geraldo. Os agredidos viviam há muito tempo em roças e sítios, tendo alguns deles mais de quatro anos de residência no mesmo local, a exemplo de nossa família, que mantinha pequeno comércio às margens do Araguaia na propriedade chamada Faveira.

Naquele lugar, éramos úteis à população, tanto do Pará como de Goiás, na sua quase totalidade - como V.S. sabe - pobre e desprotegida. Comprávamos os produtos da terra com mínima margem de lucro e vendíamos mercadorias mais indispensáveis à vida do povo a preço baixo. Além disso, comerciávamos com remédios, também a preço baixo, e duas pessoas, enfermeiras de profissão, receitavam, faziam partos e realizavam pequenas intervenções cirúrgicas. Tudo gratuitamente. Éramos, assim, estimados por centenas de famílias de lavradores e por inúmeros moradores de Marabá, São Domingos das Latas e Araguantina. Jamais tivemos desavença com qualquer habitante da região, não molestamos nem prejudicamos ninguém.

Ultimamente, com a construção da Transamazônica, apareceram vorazes grileiros que tentavam expulsar de seus locais, com a ajuda da polícia e pistoleiros, velhos e novos moradores. Não podíamos deixar de ficar ao lado das vítimas e dos perseguidos. Condenamos com energia os ladrões de terra. Não concordamos com o esbulho de honestos lavradores que desbravam

matas e criam riquezas da região. Também não nos conformamos com os pesa
dos tributos cobrados ilegalmente pelo INCRA. Camponeses que vivem abando-
nados e na miséria são obrigados a pagar, a título de taxas, quantias eleva
das, muito acima de suas possibilidades, sem nada receberem em troca. Igual
mente, sempre estigmatizamos a exploração e a opressão a que estão sujeitos
os castanheiros, os trabalhadores das companhias de extração de madeira e
os peões das grandes fazendas, cuja situação pode ser comparada à dos pá
rias ou escravos.

Nosso inconformismo deve ter chegado aos ouvidos das autoridades ditatoriais. Por isso, tais autoridades voltaram-se contra nós. Agrediram-nos brutalmente, queimaram casas, danificaram plantações, apoderaram-se indevidamente de bens e objetos de uso pessoal. Mas resolvemos reagir e resistir por todos os meios ao governo despótico e antipopular. Decidimos enfrentar a ditadura com força, embrenhando-nos nas matas e armando-nos com o que podíamos. Inspira-nos a idéia de emancipar o Brasil do opróbrio do regime ditatorial ou morrer lutando pela liberdade e a felicidade de nosso povo. Não queremos ser cúmplices, pela omissão, de um governo que escraviza a Nação, entrega as riquezas do pais aos trustes estrangeiros, prende, espanca, tortura e assassina patriotas de todas as condições sociais, de todas as convicções políticas, religiosas ou filosóficas.

Assim, articulámo-nos com outros elementos descontentes da região para defender nossas vidas, acabar com a grilagem, lutar pela democracia, por uma nação livre e independente. Diante de tal atitude, o governo dos generais, o governo mais tirânico que o Brasil já teve, propala cinicamente que somos marginais, contrabandistas, assassinos e assaltantes de bancos. Mas todos sabem que isto não passa de grosseira calúnia. Inúmeras pessoas nos conhecem e estão inteiradas de que não cometemos nenhum crime, nem fizemos qualquer mal. A ditadura também espalha que somos terroristas. É outra mentira. Jamais recorremos ao terrorismo, método de luta que condenamos, embora reconheçamos como patriotas e democratas os inúmeros jovens brasileiros que são compelidos a apelar para ações isoladas a fim de combater o terror negro implantado pelos militares em todo o pais.

Muitos dos que estão de armas nas mãos têm instrução superior ou são universitários e estudantes secundários. Ao nosso lado estão os operários e camponeses esclarecidos. Há pessoas de diferentes matizes políticos e religiosos, inclusive católicos. Todos eles poderiam viver comodamente e desfrutar a paz, o conforto e o bem-estar em seus lares. Fiéis, porém, à sua consciência, escolheram o caminho da luta, preferiram morar na selva, passar fome, dormir ao relento e, se necessário, sacrificar a vida, a

calar diante de um regime que infelicita o país há mais de oito anos. Os que se portam deste modo agem como milhares e milhares de brasileiros que, nas cidades, combatem o jugo dos generais e de um punhado de ricaços nacionais e estrangeiros. Vão ao encontro dos mais legítimos anseios do nosso povo que aspira à liberdade e não quer viver sufocado sob o tacão da ditadura.

Com este pensamento, os combatentes que empunham armas na selva amazônica organizaram um movimento para dirigir a resistência armada contra a ditadura e para conquistar um governo verdadeiramente popular, autenticamente democrático e livre da tutela dos monopólios internacionais, principalmente norte-americanos. Fundaram a União pela Liberdade e Direitos do Povo, cujo programa é a sua bandeira de luta. Permitimo-nos enviar-lhe o manifesto que lança este movimento para que V.S. se inteire plenamente de nossos objetivos ao enfrentarmos, com decisão e coragem, as forças repressivas do governo.

Estamos convencidos de que nossa causa é justa e certos de que a simpatia da esmagadora maioria da população está ao nosso lado. Não é ocasional, o fato de a ditadura baixar pesada cortina de silêncio, através de férrea censura à imprensa, ao rádio e à televisão, sobre os acontecimentos que ora se verificam no sul do Pará. É o temor de que o exemplo frutifique. Nada, porém, poderá deter a avalanche da revolta popular contra a tirania. A chama da rebelião para pôr abaixo a ditadura foi acesa no Araguaia e, com o decorrer do tempo, alastrar-se-á por todo o Brasil.

Sejam quais forem as vicissitudes que teremos de passar - a fome e o cansaço; os ferimentos, as doenças e a morte; a prisão e a tortura - não arriaremos nossa bandeira. Ninguém poderá abafar as profundas e arraigadas aspirações de liberdade do povo brasileiro, do qual somos legítimos representantes. Onde há opressão sempre há de existir resistência e luta. As causas justas, mais dia menos dia, triunfam. Hoje, em nosso país combate-se e morre-se pela liberdade. Por tudo isso, não será em vão o sacrifício e o sangue derramado por milhares de jovens desprendidos e abnegados para conquistar a democracia e para instaurar um regime que ampare todos os brasileiros.

Queira aceitas as nossas mais respeitosas saudações.

De algum lugar das matas amazônicas, 20 de julho de 1972.

José Carlos, João Borges (Joca), Roberto Peti (Beto) e Luís.
(Moradores do sítio FAVEIRA às margens do Araguaia)

É infinitamente mais difícil - e muitíssimo mais meritório - saber ser revolucionário quando a situação não permite todavia a luta direta, franca, a verdadeira luta de massas, a verdadeira luta revolucionária; saber defender os interesses da revolução (mediante a propaganda, a agitação, a organização) em instituições não revolucionárias e em muitos casos simplesmente reacionárias, na situação não revolucionária, entre massas incapazes de compreender de um modo imediato a necessidade de um método revolucionário de ação.

LENIN, A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo

A CLASSE OPERÁRIA

Um jornal de trabalhadores

Quando o órgão central do Partido Comunista do Brasil, A CLASSE OPERARIA, marcha para completar cinquenta anos de existência, tanto os comunistas cômo os democratas sinceros aprestam-se para comemorar a data da maneira mais condigna possível. Certamente, as comemorações nem de longe poderão comparar-se com as pomposas festas que promovem os chamados órgãos tradicionais de imprensa das classes dominantes, muito gabolas de sua longevidade e virtudes, mas que só se distinguem por sua capacidade de empulhar o povo e pela vocação de trair os interesses nacionais. Serão naturalmente atos simples, modestos e, além disso, clandestinos. Todavia, terão cunho educativo. Salientarão o papel desempenhado pelo nosso jornal nesse meio século, encarecerão sua importância no presente e maior significação no futuro. Levarão em conta as tarefas atuais, sobretudo as que dizem respeito à melhoria de seu conteúdo e forma. Estimularão as criticas, sugestões, correspondências, bem como o apoio indispensável para que continue a cumprir sua gloriosa missão.

Bem poucos serão capazes de imaginar o que significaram esses cinquenta anos de A CLASSE OPERARIA. Houve muito de abnegação, de sacrifícios, de heroísmo daqueles que compreenderam o valor de difundir as idéias do marxismo-leninismo, de esclarecer as massas trabalhadoras. Desde o primeiro número, nosso Partido pretendeu que ela fosse "Um Jornal de Trabalhadores, feito para Trabalhadores". E isto continua sendo. Se bem que tivesse surgido depois de fundado o Partido, A CLASSE OPERARIA foi a melhor expressão literária e política da vanguarda do proletariado brasileiro. Manteve-se fiel aos princípios que defendia, suportou duríssimas provas. Paulatinamente, converteu-se numa valente tribuna da causa democrática, da reforma agrária antifeudal, da luta antiimperialista e antifascista, da libertação nacional. Tornou-se o elo imprescindível do processo de reorganização do Partido, do combate ao revisionismo contemporâneo e em prol do internacionalismo proletário. É um incansável propugnador das soluções revolucionárias, tenaz orientador das forças populares em luta com as correntes da reação e do entreguismo. Por tudo isso, nosso jornal identificou-se com a história do Partido, transformou-se no propagandista querido dos comunistas e de muitos patriotas, na encarnação viva do espirito de resistência do proletariado e de seus anseios por um mundo sem exploradores e opressores.

Nas condições dificeis em que se encontra hoje o movimento revolu

cionário no país, cresce de importância o papel do órgão central do P.C. do Brasil. Praticamente, é o nosso grande meio de divulgação. Está chamado a exercer uma função de relevo na batalha atual pelo fortalecimento do Partido, com sua ligação com as massas operárias e camponesas, pela formação da frente-única. Na medida em que a luta democrática e anti-imperialista reclama, para congregar as forças pregressistas, um núcleo dirigente proletário bem firme e sagaz, mais se destaca o trabalho esclarecedor e mobilizador de A CLASSE OPERARIA. Ao mesmo tempo que deve executar essa tarefa fundamental, ela precisa focalizar as questões candentes da revolução e suas perspectivas, a fim de iluminar o caminho por onde teremos de avançar.

Desse modo, uma das melhores formas de celebrar o 50º aniversário do aparecimento de A CLASSE OPERARIA consiste na adoção de medidas práticas para aumentar sua difusão, no incentivo a correspondência sobre a situação das massas e seu estado de espirito, na organização de circulos de leitores e amigos que a sustentam materialmente.

Os comunistas farão do cinquentenário de A CLASSE OPERARIA um motivo para fortalecer a causa proletária e popular.